

Musicalização de pais e filhos: da escuta à composição musical coletiva

Comunicação

GTE08 – Educação Musical na Infância

Larissa Fernanda da Silva Dias
Universidade Estadual de Maringá - UEM
pg404878@uem.br

Vania Aparecida Malagutti da Silva
Universidade Estadual de Maringá – UEM
vamsloth@uem.br

Resumo: Esta comunicação apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída, intitulada “Entre sons e afetos: musicalização de pais e filhos”, que teve como objetivo compreender como ocorre o processo de aprendizagem musical em turma de musicalização envolvendo pais e filhos conjuntamente, no Sesc Maringá. O recorte aqui apresentado destaca a composição coletiva como estratégia de aprendizagem significativa, em que adultos e crianças atuaram como coautores de repertórios afetivos e culturais. A música “Minha Família” exemplifica esse processo, no qual cada família contribuiu com palavras e ideias melódicas representativas. Com abordagem qualitativa, fundamentada na Sociologia da Infância e nos estudos sobre parentalidade, a investigação utilizou observação participante, entrevistas semiestruturadas, rodas de conversa, registros gráficos e audiovisuais. Os resultados evidenciam o valor educativo, estético e relacional de práticas musicais intergeracionais.

Palavras-chave: musicalização de pais e filhos; escuta ativa, composição musical coletiva

Introdução

Esta comunicação tem como objetivo apresentar e analisar um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída, centrado na proposta de composição musical coletiva e nos ensaios realizados durante uma sequência de dezesseis aulas de musicalização envolvendo pais e filhos, no Sesc Maringá.

A pesquisa, intitulada “Entre sons e afetos: musicalização de pais e filhos”, foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob orientação da Profa. Dra. Vânia Aparecida Malagutti da Silva, e teve como

objetivo geral compreender como ocorre o processo de aprendizagem musical em uma turma de musicalização que integra crianças e seus responsáveis em práticas músico-pedagógicas coletivas e participativas.

Com base nesse estudo, o presente texto propõe-se a refletir sobre o papel da composição musical coletiva como estratégia de aprendizagem significativa e como espaço de construção de repertórios afetivos e culturais compartilhados entre gerações. A música “*Minha Família*” foi selecionada como exemplo desse processo, evidenciando as trocas simbólicas, criativas e emocionais que emergem quando adultos e crianças constroem música em conjunto.

O recorte e o contexto da investigação

O trabalho aqui apresentada deriva da pesquisa “*Entre sons e afetos: musicalização de pais e filhos*”, desenvolvida no âmbito do Laboratório Cultural de Música do Sesc Maringá, espaço dedicado à educação musical de caráter comunitário, que integra crianças, jovens e adultos em práticas criativas e colaborativas.

O grupo observado foi composto por 16 crianças, com idades entre seis e dez anos, acompanhadas por seus pais, mães e/ou responsáveis, participantes da turma de musicalização oferecida pela instituição. As atividades ocorreram ao longo do ano de 2024, durante dezesseis encontros presenciais semanais, com duração aproximada de uma hora cada.

Os dados da pesquisa foram construídos a partir de observação participante, entrevistas semiestruturadas com as famílias, rodas de conversa, registros gráficos e narrativos das crianças e registros audiovisuais das aulas e apresentações. O recorte abordado nesta comunicação refere-se especificamente à proposta de composição musical coletiva realizada nas etapas finais do percurso, em que as famílias criaram, conjuntamente, a canção “*Minha Família*” — um repertório original que expressa identidades, afetos e memórias.

A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa e interpretativa, buscando compreender os significados atribuídos pelos participantes às suas experiências musicais e relacionais. As categorias de análise emergiram do material empírico, em diálogo com os referenciais da Sociologia da Infância (Corsaro, 2011; Sarmiento, 2011), que reconhece a

criança como sujeito ativo e produtor de cultura, e com os estudos sobre parentalidade musical (Malloch; Trevarthen, 2009; Ilari et al., 2019; Custodero; Green, 2003), que destacam o papel das famílias nos processos musicais e educativos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (parecer nº 6896993), e todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O uso de imagens, registros audiovisuais e nomes reais foi autorizado pelas famílias, conforme documentação arquivada junto à instituição, garantindo o respeito à privacidade e à vontade dos participantes.

A composição musical como espaço de aprendizado musical

A composição musical desempenha um papel fundamental como espaço de aprendizado musical, proporcionando aos alunos uma experiência prática e criativa que integra diversos aspectos da educação musical. Ao compor, os estudantes não apenas aplicam conhecimentos teóricos, mas também desenvolvem habilidades de escuta, interpretação e expressão pessoal. Essa prática permite que explorem sua criatividade, experimentem diferentes sonoridades e estruturas musicais, e compreendam de forma mais profunda os elementos que constituem a música. A composição musical, especialmente quando vivenciada em contextos educativos, oferece oportunidades significativas para o desenvolvimento de habilidades criativas e expressivas, como destaca Beineke e Zanetta (2014):

Compor música é tomar decisões musicais: escolher sonoridades, instrumentos, ritmos, experimentar diferentes combinações, decidir quando é hora de repetir, quando é hora de variar ou contrastar elementos musicais. Compor, no contexto educativo em geral e também neste trabalho, é um conceito amplo que engloba desde as pequenas invenções musicais das crianças e seus improvisos espontâneos, até produtos mais elaborados, incluindo a composição de canções e arranjos. (Beineke e Zanetta, 2014, p. 198)

O processo de composição musical coletiva nas aulas de musicalização infantil estudadas na pesquisa teve início com uma atividade de apreciação musical, em que as famílias trouxeram “suas músicas marcantes” (uma que representasse o nascimento da criança e outra que representasse a família) para ouvirmos, conhecermos e experimentarmos durante as práticas musicais. A música da cultura familiar nos remete às canções que

embalam nosso cotidiano, trazendo memórias e afetos construídos no ambiente doméstico. Ao pensarmos na música do nosso lar, ampliamos o olhar para o repertório que nos cerca e é aí que as sonoridades da nossa região ganham destaque. No Paraná, essa conexão se fortalece por meio de ritmos, melodias e tradições que refletem a identidade local, unindo influências indígenas, tropeiras e de imigrantes em um rico patrimônio musical.

Partindo de músicas e tradições da cultura paranaense, ouvimos a canção “Barreado¹”, interpretada pelo grupo Gralha Azul. Após a escuta, iniciamos uma conversa coletiva sobre a letra da música, que despertou bastante curiosidade entre as crianças. Discutimos o significado do termo “barreado”, o contexto da música e os elementos que ela apresenta em sua narrativa, como a menção ao “trem Maria Fumaça”, ao “cheiro do mato” e à tradição culinária do prato típico do litoral do Paraná. Algumas crianças perguntaram o que era o barreado e como ele era feito, enquanto outros participantes compartilharam lembranças de viagens a cidades do litoral onde já haviam experimentado o prato. Falamos também sobre a importância de valorizar a cultura local, tanto na música quanto na alimentação, e como essas tradições fazem parte da nossa identidade.

Diante do entusiasmo da turma, sugeri que criássemos um arranjo coletivo para a canção, utilizando os instrumentos que já havíamos explorado em aulas anteriores e organizando juntos as entradas, dinâmicas e texturas da música. A proposta foi recebida com empolgação, e logo começaram a surgir ideias de como poderíamos representar, com sons e instrumentos, alguns elementos da música — como o trem chegando, o fogo do preparo, a mistura dos ingredientes.

Detalhando o processo da criação do arranjo da música Barreado

A criação coletiva do arranjo da música “Barreado”, do grupo Gralha Azul, realizada na aula 6, evidenciou a escuta atenta, a organização e a intencionalidade musical do grupo. Crianças e adultos tomaram decisões em conjunto, considerando timbres, dinâmicas e sequências sonoras. A proposta inicial partiu de Miguel, que sugeriu uma introdução com o chocalho, remetendo ao som da panela esquentando. A partir daí, o arranjo foi construído

¹ Barreado – Gralha Azul: <https://youtu.be/2yBwT8RbGYw?si=5WYwj-h8ZIOghG33>

coletivamente, incorporando viola caipira, alfaia, escaleta e mais chocalhos, com variações de intensidade até um silêncio súbito. Nesse ponto, Livia introduzia a narrativa com a frase “Menino, vou te contar...”, criando um momento teatral que conectava música e contação de histórias, marcando simbolicamente a força expressiva dessa experiência musical compartilhada.

Na sequência, cantávamos a música completa com o acompanhamento instrumental construído anteriormente. Ao chegar no refrão, retomávamos o arranjo em sua forma completa, com todos os instrumentos tocando, reforçando o caráter coletivo da canção. Esse processo demonstrou não apenas o entendimento musical dos participantes sobre estrutura e forma, mas também sensibilidade estética e expressiva, resultando em uma construção musical compartilhada.

Durante a criação coletiva do arranjo da música “Barreado”, observou-se um forte engajamento das crianças e dos pais. As crianças exploraram os instrumentos com entusiasmo, movimentando-se corporalmente ao ritmo da música e propondo ideias criativas com segurança. Já os adultos, inicialmente mais contidos, passaram a se envolver com mais liberdade à medida que acompanhavam a condução das crianças. Interações afetuosas, como olhares, sorrisos e pedidos de orientação das crianças aos pais, revelaram a construção de uma linguagem musical partilhada e o fortalecimento dos vínculos entre eles. (Figura 1)

Figura 1: Partitura não convencional da música “Barreado



Fonte: Pais e crianças

É possível observar que a ordem em que os instrumentos foram desenhados no registro gráfico segue fielmente a sequência de entrada de cada um no arranjo coletivo da música “Barreado”, o que torna essa notação simples, porém funcional e coerente com a estrutura da performance construída pela turma. Ainda que não siga uma convenção tradicional de partitura, essa representação visual demonstra compreensão da organização musical e revela a capacidade das crianças de traduzir musicalmente suas ideias por meio de símbolos e desenhos.

No mesmo dia em que realizamos essa atividade, Livia chegou à aula entusiasmada, trazendo um dragão de papel que havia feito em casa com técnica de dobradura. Ao apresentá-lo ao grupo, disse com convicção: *“Hoje ele vai participar da aula também.”* Quando começamos a organizar os sons para a execução do arranjo, Livia rapidamente pegou o caxixi e explicou que o som do instrumento representava “a cauda do dragão balançando”. A associação simbólica foi registrada no papel: ao lado do desenho do dragão, aparece o caxixi, unindo imaginação, timbre e narrativa de forma criativa.

Como culminância desse processo, planejamos confeccionar potinhos de barro, feitos em argila, simbolizando os recipientes tradicionais em que o barreado é servido. A proposta foi que, ao final do semestre, pudéssemos saborear juntos esse prato típico, utilizando os potinhos criados pelos próprios participantes tornando a experiência ainda mais sensível, significativa e enraizada na cultura que nos inspirou musicalmente. (Foto1)

Foto 1: Momento de degustação do Barreado nos potinhos



Foto: Paulo Baptistelli

Ao final dessa aula (aula 6), conversamos sobre como seria interessante termos um arranjo de uma música criada por nós, uma música totalmente inédita. Então, os participantes – tanto crianças quanto pais – foram convidados a colaborar na criação de uma peça musical com a temática "família".

Detalhando o processo da composição coletiva

O processo de composição que iniciou na aula 7, teve como base os aprendizados das aulas anteriores que abordaram conteúdos musicais como: pulso, ritmo, timbre, altura, duração, intensidade. Assim, a composição teve início no sorteio de letras por cada família que em seguida apresentou uma palavra que iniciasse com aquela letra. As palavras sugeridas pelas famílias foram: sinceridade, felicidade, louça, tia-avó, primo, garrafa, vinho, igreja, Emanuele, dad, história, rua. Com as palavras definidas, a letra da música começou a ser estruturada a partir das sugestões das crianças e seus pais.

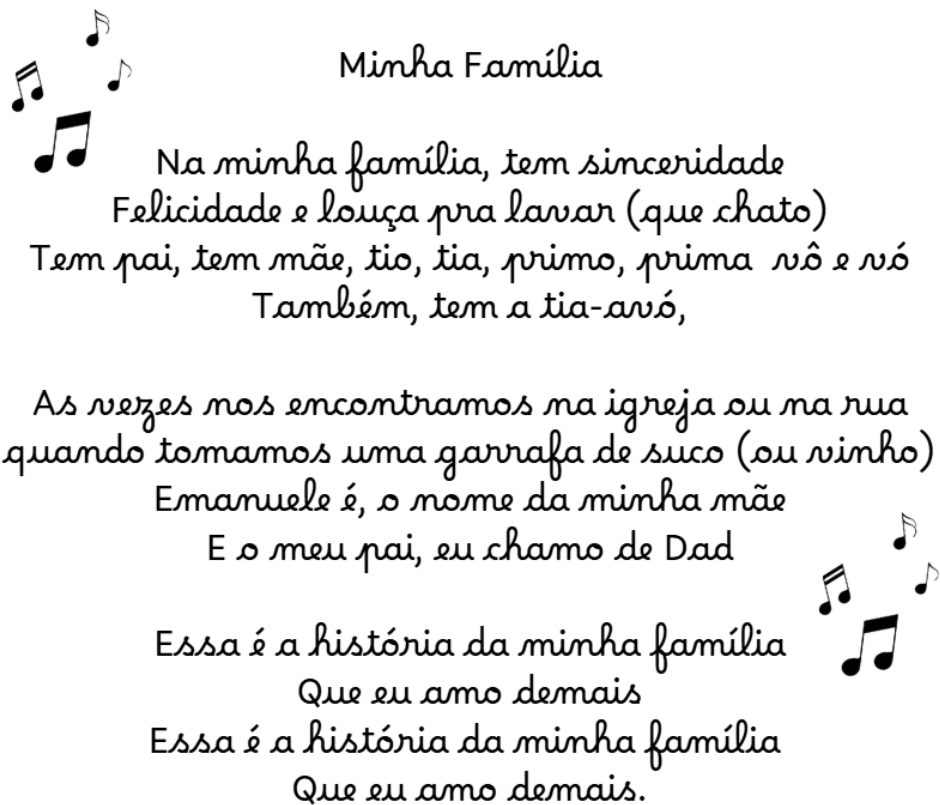
O processo foi marcado por um clima leve, divertido e altamente participativo. Pais e filhos se envolveram ativamente na criação dos versos e na troca de ideias, entre risos, pequenas dramatizações e lembranças familiares. Os adultos incentivavam as crianças a contribuírem com rimas, enquanto elas demonstravam entusiasmo ao perceberem que suas ideias eram valorizadas e incorporadas à canção.

A construção da letra, com foco na temática "família", foi um momento de reflexão e partilha entre os participantes. Crianças e pais discutiram juntos o que a palavra "família" representava para eles, cada um trazendo à tona experiências e sentimentos pessoais. As respostas foram variadas. Entre as crianças, surgiram associações com situações cotidianas, como: "Família é quando a gente janta junto", "Família é eu, minha mãe e meu pai vendo desenho", "Família é quando eu durmo com a mamãe". Já os adultos trouxeram definições mais estruturadas ou simbólicas, como: "Família é a base", "Família é apoio", "Família é onde a gente cresce e aprende" (Diário de campo, aula 7).

A letra da música foi construída coletivamente ao longo de duas aulas, a partir de memórias, ideias e experiências trazidas por crianças e seus responsáveis. Cada verso

expressava aspectos do cotidiano e das vivências afetivas emergidas nas rodas de conversa e nas atividades musicais. Mais do que escrever uma canção, o processo envolveu escuta, negociação e escolhas que refletiam as relações singulares de cada família com sua história e com a música.

Figura 2: Letra da Música “Minha Família”



Fonte: Elaborada pelos participantes da pesquisa.

Figura 3: QR Code partitura música “Minha família”:



Fonte: Acervo pessoal.

A composição coletiva realizada durante a pesquisa dialoga diretamente com as ideias de Brito (2013) e Delalande (2019), pois proporcionou um ambiente em que as crianças puderam experimentar, criar e transformar suas ideias musicais de maneira livre e significativa. Ao compor em grupo, elas não apenas exploraram sons e estruturas musicais, como também participaram ativamente da construção de um pensamento musical próprio, vivenciado em conjunto com seus pares e familiares.

A esse respeito, Kater (2017) também defende que os processos criativos com crianças, especialmente em contextos colaborativos, promovem o desenvolvimento da escuta, do pensamento musical e da sensibilidade coletiva. No projeto 'A Música da Gente', o autor destaca que a composição em grupo fortalece a expressão musical como uma prática social e compartilhada, favorecendo a autoria e o envolvimento afetivo.

A composição coletiva trouxe à tona o conceito de que a música pode ser uma poderosa forma de comunicação e conexão, onde cada membro da família contribui com suas ideias e sentimentos, gerando uma obra conjunta que reflete as experiências compartilhadas. Essa dimensão afetiva da composição também é valorizada por Brito (2013), que compreende a criação musical como espaço de invenção e reconstrução de experiências significativas, sobretudo quando partilhada entre gerações.

A parte mais técnica da atividade voltada à elaboração do arranjo musical e à definição dos instrumentos que comporiam a execução da canção, transformou-se em uma vivência coletiva de criação e tomada de decisões. Diferente de um exercício meramente técnico, esse momento evidenciou o potencial formativo da construção musical compartilhada, pois exigiu dos participantes habilidades que extrapolam o domínio de conteúdos: escuta ativa, negociação, empatia, organização coletiva e respeito ao tempo e à proposta do outro.

Durante a criação do arranjo, pais e filhos foram convidados a refletir juntos sobre como a música deveria soar. A atividade envolveu experimentações com diversos instrumentos, explorando timbres, ritmos e possibilidades melódicas. Ukulelê, pandeiro, alfaia, agogô, triângulo, flauta doce e escaleta foram testados de forma colaborativa, gerando camadas sonoras que sustentavam o canto. Os adultos acompanharam o processo de forma atenta, ora guiando, ora se deixando surpreender pelas escolhas das crianças. Ao final, muitos reconheceram a intencionalidade por trás das criações — como comentou uma mãe: “Eu

achava que era tudo muito solto, sem muito sentido. Mas agora vejo que eles pensam, criam, organizam tudo... tem lógica, tem intenção”.

A interação entre pais e filhos nesses momentos evidenciava também um deslocamento no papel do adulto: de orientador técnico para colaborador sensível. Ao invés de corrigir ou direcionar, os pais escutavam, propunham junto e, em muitos casos, seguiam as ideias das crianças, legitimando suas propostas musicais. Esse processo de inversão de papéis foi essencial para que os pais reconhecessem que a musicalização não está centrada apenas na execução correta de sons, mas na construção de sentidos compartilhados.

Nesses momentos, as crianças sugeriam ideias como: “Essa parte podia ser mais rápida!”. Os pais, muitas vezes mais contidos inicialmente, aos poucos passaram a participar ativamente com observações como: “Esse som está cobrindo a voz, será que é bom abaixar o volume?” ou “Acho que se invertermos essa entrada vai encaixar melhor com o canto”. Era evidente que o processo exigia escuta e atenção, tanto à música quanto às dinâmicas do grupo. Algumas decisões importantes foram tomadas de forma coletiva, como o momento exato em que cada instrumento entraria na música, se haveria uma introdução instrumental, quais partes seriam repetidas, onde a voz estaria em destaque e onde os instrumentos ganhariam mais protagonismo. Um dos momentos mais significativos foi quando, ao discutirmos como encerrar a canção, uma criança sugeriu que “todo mundo parasse de tocar aos poucos, igual o vento indo embora”, e esse comentário foi acolhido e incorporado à estrutura final da peça.

Esse processo, ao mesmo tempo lúdico e concentrado, não apenas ampliou o entendimento dos participantes sobre os elementos da construção musical como andamento, intensidade e forma, mas também fortaleceu a vivência de valores como cooperação e expressão coletiva. A atividade ultrapassou o objetivo de montar um arranjo musical funcional: ela se transformou em um exercício de convivência, escuta intergeracional e construção de sentido compartilhado por meio da linguagem da música.

Ao analisar cada etapa do processo de composição coletiva, foi possível identificar avanços concretos no aprendizado musical das crianças e dos pais, como observado nas partituras presentes nas fotos 2, 3, 4 e 5.

Foto 2: Partitura do pandeiro



Partitura do pandeiro.

Desenho: Alícia

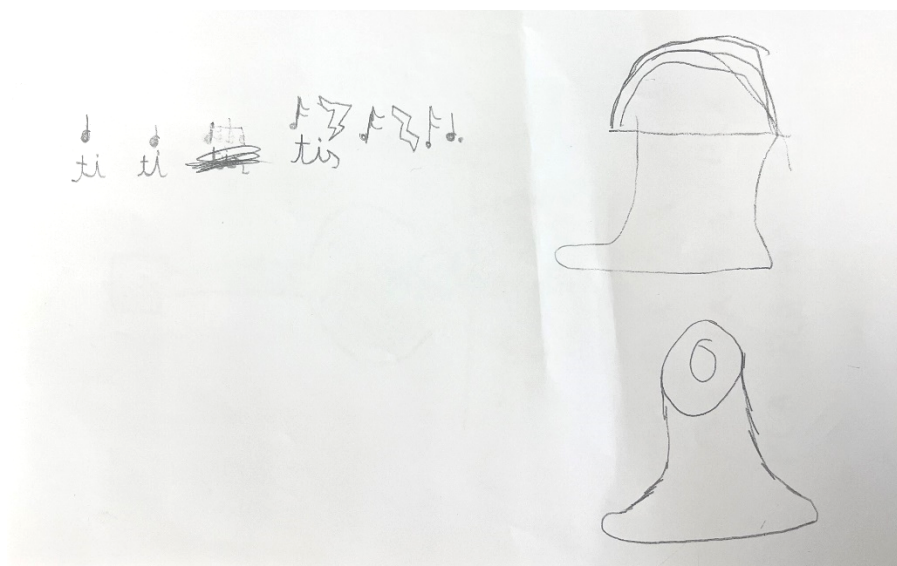
Foto 3: Partitura da alfaia



Partitura da alfaia.

Fonte: Desenho Livia

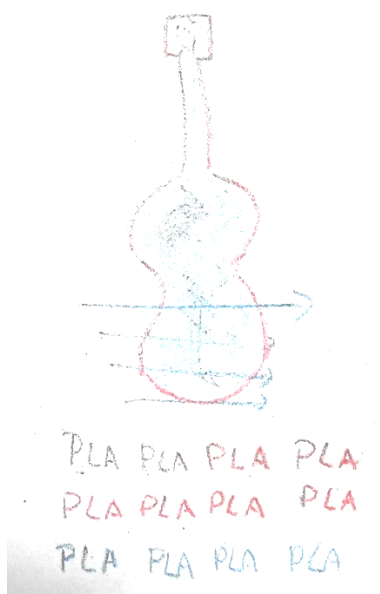
Foto 4: Partitura do caxixi



Partitura do caxixi.

Desenho: Joaquim

Foto 5: Partitura do ukulele



Partitura do ukulele.

Desenho: Augusto

Ao realizar a notação musical desenhando o instrumento, os participantes demonstraram compreensão em relação à indicação de quem tocava o quê, associando a imagem do instrumento ao papel desempenhado na música. Além disso, ao indicarem com palavras, sílabas ou onomatopeias os sons que cada um produzia, demonstraram compreensão da qualidade sonora dos instrumentos, como timbre, intensidade e ritmo. Essa forma de registro não convencional revela não apenas uma tentativa de organização musical, mas também a construção de uma linguagem própria, acessível e significativa para o grupo. Trata-se de um exercício de escuta ativa e representação simbólica, que evidencia o envolvimento dos participantes com os elementos estruturantes da música e com o próprio processo criativo.

A experiência culminante da composição musical coletiva foi um momento de grande celebração e orgulho para todos os envolvidos. Quando a música foi finalmente apresentada (foto 6), percebi que todos os participantes sentiram um senso de pertencimento e realização, sabendo que haviam contribuído de maneira única e significativa para a criação daquela peça. O fato de que a música foi composta com base na temática familiar fez com que a apresentação fosse ainda mais especial, pois cada acorde, cada verso e cada nota musical refletia a própria vivência das famílias presentes.

Foto 6: Apresentação das músicas das famílias



Foto: Apresentação da música das famílias

Foto: Paulo Baptistelli

Além disso, a composição coletiva também teve um impacto importante no desenvolvimento musical dos participantes, que não só aprimoraram suas habilidades musicais, mas também passaram a perceber a música como um meio de expressão individual e coletiva.

Detalhando as experiências dos ensaios, apresentação e gravação

A fase dos ensaios representou um momento de forte engajamento coletivo, com pais, mães e crianças unidos na preparação das músicas “Minha Família” (composta pelo grupo) e “Barreado” (releitura de uma canção da cultura paranaense). Os encontros tornaram-se mais focados e colaborativos, com experimentações sonoras, troca de instrumentos e variações de ritmo e dinâmica. As decisões musicais foram construídas em diálogo, valorizando especialmente as sugestões das crianças, o que resultou em uma vivência musical rica e significativa. Miguel, comentou em um dos encontros: *“Acho que hoje a música ficou mais animada porque a gente tocou mais rápido. Quando eu regia, parecia que todo mundo me escutava, eu gostei disso.”* (Transcrição da aula, aula 12, p. 2).

A fala de Miguel revela não apenas a sua percepção musical e sensibilidade quanto às alterações no andamento da música, mas também destaca um sentimento de

reconhecimento e pertencimento ao grupo. A regência, neste caso, tornou-se um instrumento simbólico de protagonismo e escuta, permitindo que a criança ocupasse uma posição de liderança respeitada pelos demais. Sob a ótica da Sociologia da Infância (Sarmiento, 2004), essa vivência exemplifica o reconhecimento das crianças como sujeitos sociais ativos, cuja contribuição é valorizada e legitimada no processo educativo.

Já Gabriel, ao experimentar um novo instrumento, expressou: *“Eu gosto de tocar o pandeiro, mas hoje eu quis tentar a escaleta, porque achei que combinava mais com a parte lenta da música.”* (Transcrição da aula, aula 12, p. 2).

Esse tipo de escolha e argumentação demonstra o desenvolvimento da escuta sensível e da capacidade de tomada de decisões estéticas por parte das crianças. O espaço dos ensaios propiciou não só o exercício da criatividade, mas também a possibilidade de refletir sobre os efeitos expressivos dos sons. Essa autonomia nas decisões artísticas, estimulada pelo ambiente de respeito mútuo, evidencia um processo de musicalização centrado na construção coletiva de sentidos.

Cláudia, mãe de Miguel, também expressou como esses momentos de ensaio impactaram a dinâmica familiar: *“Aqui na aula parece que a gente entra em sintonia, ele me escuta mais e eu também presto atenção nas ideias dele. Em casa a gente fica falando sobre o que deu certo e o que podemos tentar de novo.”* (Transcrição da aula, aula 12, p. 3). Essa fala traz à tona a potência relacional da prática musical em família. O ensaio ultrapassa os muros da sala de aula e reverbera no cotidiano, fortalecendo a comunicação entre mãe e filho, criando espaços de diálogo afetivo e colaborativo. Ao participarem das decisões musicais, pais e filhos aprendem também a dialogar, ceder, propor e escutar — habilidades que transcendem a música e se inserem no campo da parentalidade ativa e responsiva (Keller, 2007).

Um aspecto marcante dessa etapa foi a liberdade criativa concedida às crianças, que frequentemente assumiam papéis de regência durante os ensaios. Lunna, por exemplo, posicionava-se à frente do grupo, sugerindo entradas, indicando mudanças de intensidade e organizando os gestos dos colegas com naturalidade. Ruan, Gabriel, Lívia e Alice também se revezaram nessa função, muitas vezes sendo convidados por seus próprios colegas para “conduzir” o grupo. Esse espaço de protagonismo infantil foi construído com delicadeza e

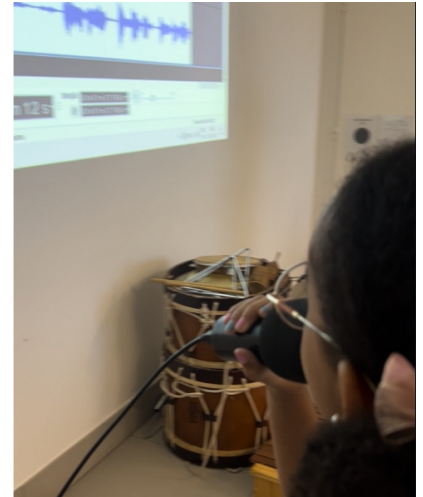
intencionalidade, e gerou impactos significativos na autoestima e na percepção das crianças sobre sua importância dentro do coletivo musical. Os adultos, por sua vez, demonstraram respeito e escuta, acolhendo as sugestões das crianças e adaptando sua execução ao que era proposto, o que evidenciou uma relação horizontal e cooperativa entre as gerações.

Os ensaios também funcionaram como espaços de escuta mútua e construção de vínculo entre os pares. As famílias trocavam ideias sobre como iniciar uma música, qual instrumento usar em determinado trecho, ou mesmo como tornar a execução mais divertida. O ambiente era permeado por olhares de cumplicidade, risos, tentativas e erros acolhidos sem julgamento. A construção do arranjo da música “Minha Família”, por exemplo, foi totalmente coletiva: desde a escolha das palavras, passando pela melodia, até a combinação de instrumentos e percussões. Uma criança sugeria uma batida, outra complementava com um ritmo, um adulto propunha uma pausa. Tudo era testado e, se funcionasse, incorporado. Esse processo gerou um sentimento de pertencimento ao resultado final.

A apresentação pública foi algo importante. Realizada no teatro do Sesc Maringá, contou com a presença de familiares e amigos. Para muitos participantes, essa foi a primeira experiência em um palco. A tensão e a expectativa foram visíveis, mas também a empolgação e o orgulho. A escolha por manter os arranjos abertos, com espaço para variações espontâneas, fez com que a apresentação fosse menos um espetáculo técnico e mais uma celebração viva do processo. Houve erros, sorrisos, olhares encorajadores, improvisos. E tudo isso foi vivido com naturalidade, como parte do fazer musical coletivo. Claudia, mãe de Miguel, relatou que “o mais emocionante foi ver que a gente conseguiu fazer juntos, com nossos tempos, nossos jeitos”.

A gravação das canções, realizada após os ensaios e apresentação, também foi um marco importante na pesquisa. Os participantes puderam entender, ainda que de forma introdutória, como funciona uma gravação musical: os microfones, os testes de som, as repetições de trechos. (foto 7) Essa etapa exigiu um tipo de escuta mais apurada e crítica. As crianças demonstraram grande envolvimento e atenção, sendo criteriosas sobre os sons que estavam emitindo e pedindo para repetir quando não se sentiam satisfeitas. Essa escuta ativa também contribuiu para que o grupo reconhecesse sua própria evolução ao longo das aulas.

Foto 7: Gravação da composição



Gravação

Foto: Autora

Finalizando...

A experiência relatada neste recorte teve início com a escuta atenta às músicas que as famílias espontaneamente levaram para a sala de aula. Essas canções marcadas por vínculos afetivos e memórias familiares, se tornaram o ponto de partida para um processo de apreciação, experimentação e recriação musical compartilhada. Foi a partir delas que se consolidou um espaço de troca e escuta mútua entre crianças, adultos e educadora.

Na sequência, a vivência da canção paranaense despertou conversas, curiosidades e novas camadas de envolvimento cultural e afetivo com o território. Esses momentos de escuta coletiva, atravessados por referências culturais diversas, criaram as bases para o processo de composição colaborativa da música “Minha Família”.

A canção criada pelo grupo não foi apenas o resultado de uma atividade musical, mas o reflexo de um percurso conjunto de elaboração de sentidos. Nesse processo, crianças e adultos puderam reconhecer-se na música, dar voz às suas histórias e cocriar um repertório que simbolizava o pertencimento àquele grupo e àquela experiência.

Este recorte da pesquisa evidencia a potência da musicalização vivida entre pais e filhos como espaço de construção de vínculos, expressão cultural e aprendizagem mútua. Ao valorizar as referências familiares, o processo pedagógico ganhou significado ampliado, colocando a música no centro de uma experiência humanizadora e participativa, capaz de transformar relações e fortalecer os laços entre gerações.

Referências

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Tradução de Lia Gabriele. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BEINEKE, Viviane; ZANETTA, Camila Costa. “Ou isto ou Aquilo”: a Composição na Educação Musical para Crianças. *Música Hodie*, v. 14, n. 1, 2014.

CUSTODERO, Lori A.; JOHNSON-GREEN, Elissa A. *Passing the cultural torch: Musical experience and musical parenting of infants*. *Journal of Research in Music Education*, v. 51, n. 2, p. 102-114, 2003.

DE BRITO, Teca Alencar. *Música, infância e educação: jogos do criar. Música na Educação Básica*, v. 5, n. 5, 2013.

DELALANDE, François. *A música é um jogo de criança*. Editora Peirópolis LTDA, 2019.

ILARI, Beatriz. *The role of community-based music and sports programmes in parental views of children’s social skills and personality*. *International Journal of Community Music*, v. 12, n. 1, p. 35-56, 2019.;

KELLER, H. (2007) *Cultures of Infancy*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

MALLOCH, S., & Trevarthen, C. *The Human Nature of Music*. *Frontiers in Psychology*, p. 9, 2018.

SANTOS, Regina Marcia Simão; KATER, Carlos. *O projeto “A música da gente”: entrevista com Carlos Kater*. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, p. 151-166, 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. 2004.

SARMENTO, M. J. *Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas*. In A. J. Martins Filho & P. D. Prado (Orgs.), *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância* p. 27–60, 2011.



Educação Musical, Mundo do Trabalho
e a Construção de uma Sociedade Democrática

Curitiba | 03 a 07 de novembro

2025



abem
Associação Brasileira
de Educação Musical



UNINTER



UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



UNESPAR
Universidade Estadual do Paraná



CNPq



CAPES